

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Resenha da obra:

MYRIAN, S.S (Org.). **Entre utopias e memórias: arte, museus e patrimônios.** Rio de Janeiro: Mórula. 2022.

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento

 **Jonas João do Nascimento**
Universidade do Estado de Santa Catarina.
Florianópolis, SC – BRASIL
lattes.cnpq.br/6437153669969484
nascimentojjonas@gmail.com
 orcid.org/0009-0006-0920-5901

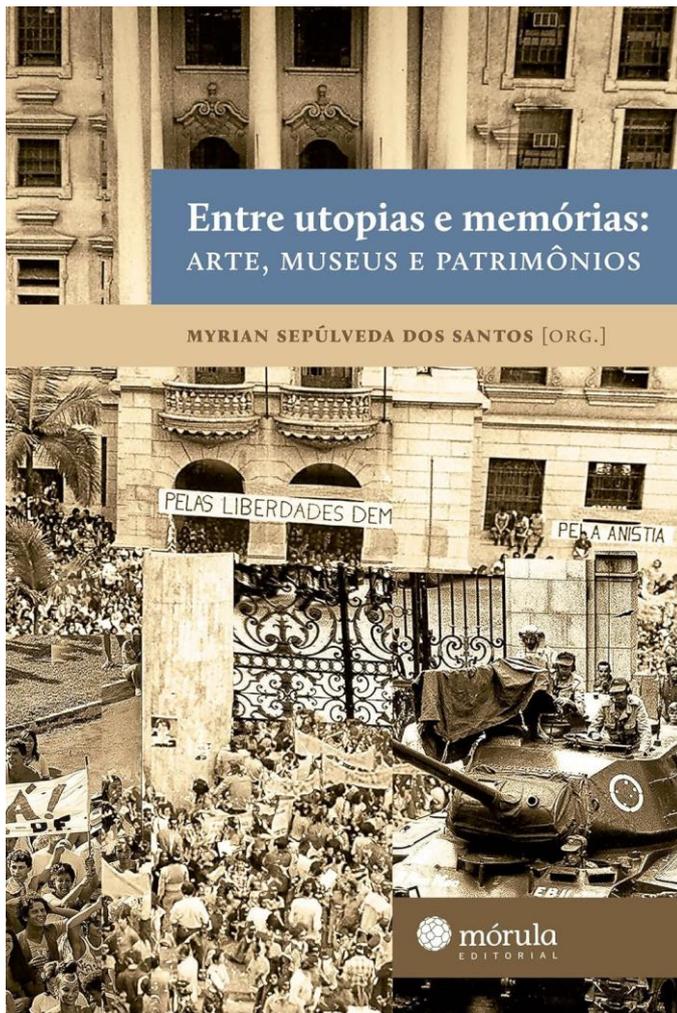
 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180317442025e0401>

Recebido: 21/03/2024

Aprovado: 21/04/2025

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Jonas João do Nascimento



Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Resenha da obra:

MYRIAN, S.S (Org.). Entre utopias e memórias: arte, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Mórula. 2022.

A História do Tempo Presente suscita debates na medida em que tensiona o fazer historiográfico, a ética na pesquisa histórica e os limites do que compreendemos como história disciplinar. Neste sentido, o contato da História do

Tempo Presente com a área do Patrimônio Histórico também amplia as possibilidades de reflexão sobre locais de memória e suas funções. Na medida em que novas demandas sociais relacionadas ao patrimônio histórico também se apresentam nos debates atuais, a História do Tempo Presente pode constituir uma forma de compreender esses processos, principalmente por seu caráter interdisciplinar, possibilitando aliar-se a outras áreas, como a museologia, as ciências sociais e até mesmo as do campo das artes. O livro “Entre utopias e memórias: arte museus e patrimônios”, organizado por Myrian Sepúlveda dos Santos, apresenta contribuições para as investigações atuais no âmbito do patrimônio histórico e cultural na medida em que apresenta perspectivas de análise patrimonial preocupadas com as tramas da atualidade. Aproximando-se, também, das investigações que se propõe a História do Tempo Presente.

O livro é apresentado como resultado dos debates do V Seminário Arte, Cultura e Poder, realizado em 2021, e traz consigo um olhar ampliado das questões

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Jonas João do Nascimento

patrimoniais no Brasil a partir de contribuições de autoras e autores de diferentes áreas do conhecimento. Não é de agora que os usos (e abusos) da memória patrimonializada constituem, para a organizadora Mýrian Sepúlveda dos Santos, um tema pertinente. Pesquisadora e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ela se volta aos debates no âmbito do patrimônio e suas implicações, interesse que se explica por ser ela coordenadora do grupo interdisciplinar de pesquisa Arte, Cultura e Poder, que visa investigar diferentes práticas culturais e as relações de poder inerentes à sua realização¹. Santos também é a autora de “Memória Coletiva e Justiça Social” (2021), obra que investiga a relação entre a memória coletiva e os processos de justiça de grupos historicamente oprimidos. Em “Entre utopias e memórias: arte, museus e patrimônios” (2022), avança em suas investigações, buscando autoras e autores que contribuam com reflexões no âmbito da memória, do patrimônio e da arte.

Na introdução, que ficou a seu cargo, apresenta um panorama das preocupações da obra no âmbito da memória coletiva e do patrimônio. A autora destaca a necessidade da busca por justiça nas preocupações atuais da memória coletiva e nas ausências, paradoxalmente tão presentes na história política, como uma maneira possível de se questionar as narrativas oficiais e fazer valer passados estrategicamente esquecidos². Dessa maneira, caracteriza os debates que irão percorrer toda a obra. Os diferentes textos buscam responder a demandas sociais e políticas atuais, tendo como instrumentos de análise conceitos que tratam das disputas pela memória coletiva, e suas tensões³.

A obra é dividida em quatro partes. A primeira, intitulada “Descentrando as memórias coletivas”, contém dois capítulos centrados nos debates sobre práticas

¹ Professora Myrian Sepúlveda dos Santos veio a falecer no dia 17 de março de 2024, período de produção dessa resenha. Pesquisadora de fôlego e intelectual pioneira, aproximando áreas do conhecimento bastante distintas e professora notável de gerações de pesquisadores. Lamentamos profundamente e nos solidarizamos com os familiares e amigos nesse momento. Santos foi também fundadora do grupo de pesquisa Arte, Cultura e Poder em 2008, que investiga as relações de poder nas diferentes produções artísticas, no patrimônio e na formação da cultura em geral. Para mais, cf.: <https://www.arteculturaepoder.com/apresenta%C3%A7%C3%A3o>

² Santos compreende que a busca por justiça que se pretende realizar nas tensões próprias da disputa de memória corresponde ao que representavam as utopias no passado - “a busca do caminho para a liberdade e justiça” (p. 12) -, caracterizando, assim, o título da obra.

³ Destaco também que algumas produções tratam da própria compreensão do tempo em sua relação com a memória, presentes principalmente nas produções artísticas, tornando a obra ainda mais interessante para as perspectivas da área da História do Tempo Presente.

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Jonas João do Nascimento

que atualizam as memórias coletivas sob signos de luta política e justiça social. Em ambos os escritos, a preocupação é a reflexão sobre como essa atualização é realizada, tendo em vista as relações de poder e os diferentes atores políticos que reescrevem essas memórias. Em “Pós-memória e política dos afetos: a *Marcha del Silencio* como política cultural”, Carlos A. Gadea⁴ investiga o movimento da *marcha del silencio* no Uruguai sob a ótica da pós-memória⁵. A *marcha del silencio* é um movimento social que objetiva lembrar os desaparecidos da ditadura uruguaia e toma as ruas de Montevideú, anualmente, no dia 20 de maio, desde o ano de 1996. No entanto, Gadea destaca que a marcha ganhou outros significados a partir do avanço geracional, o que paulatinamente alterou as demandas e inscreveu o movimento social em uma “performance cultural” com pautas distintas das pensadas sobre questões relativas ao período ditatorial no Uruguai.

Enquanto os debates de Gadea caminham no sentido de refletir sobre os processos de reinserção e reescrita da memória no âmbito afetivo das novas gerações, Tereza Ventura⁶, em “Raça, genocídio, memória e reparação”, por sua vez, investiga como os usos políticos da memória pós-colonial se apresentam limitados enquanto políticas de reparação, ao passo que gerações atuais de grupos oprimidos pelo colonialismo continuam sendo escamoteadas dos debates públicos sobre sua própria experiência histórica. É o caso dos grupos Hereros e Namas, comunidades do sudoeste africano, em uma região que hoje compreende parte da atual Namíbia, Angola e Botswana. Essas comunidades foram alvo de políticas genocidas de extermínio por parte do Estado alemão durante o século XIX. Ventura investiga os processos de justiça e reparação aos povos Hereros e Namas na medida em que as negociações das políticas de reparação entre a Namíbia e a Alemanha se apresentam como insuficientes para esses povos. Para

⁴ Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atua como professor e pesquisador no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

⁵ Pós-memória, segundo Gadea, é um conceito surgido na década de 1980, mas que recebeu da pesquisadora Marianne Hirsch (2015) a sua definição atual. A pós-memória compreende o processo de reinscrição das memórias traumáticas geracionais sob outros aportes no presente. Neste sentido, é uma maneira pela qual as novas gerações são tocadas pelas memórias traumáticas das gerações anteriores e as reinscrevem afetivamente em sua própria “memória geracional”.

⁶ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo, atua como professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Jonas João do Nascimento

Ventura, a partir de suas leituras de Mbembe, pensar em uma política de memória e reparação parte de realocar as populações dos territórios coloniais invisibilizadas pela lógica europeia na centralidade dos debates. Não apenas como meio de denunciar as relações de poder nas quais se legitimava o discurso colonial, mas também como forma de restituir a essas populações uma lógica de existência que lhes foi negada: a do direito ao tempo⁷ (p. 54).

A parte dois, denominada “Patrimônios em contextos de crise”, contém dois textos que se propõem a discutir o patrimônio em uma lógica diferente, ou seja, quando os usos da memória e a patrimonialização servem à manutenção de determinados poderes, ao mesmo tempo abordam o esquecimento como mecanismo estratégico de preservação dessas mesmas estruturas. Adebald Andrade Júnior⁸, em “Patrimônio, drama social e sujeitos de direito”, apresenta reflexões sobre como a criação de uma memória oficial da cidade de Pompeu (MG) entrou em conflito com as demandas sociais de grupos invisibilizados pela memória oficial da cidade.

Percorrendo os processos de uso da memória e do esquecimento para a sustentação de determinadas narrativas oficiais, Yussef Campos⁹, em “Ditadura e Reparação: Lugares sensíveis em Juiz de Fora, Brasil (1964-1985)”, apresenta a cidade como caso de investigação desses mecanismos da memória para apagamento de determinadas visões do passado, seja pelo processo de não patrimonialização de determinados espaços, seja pela patrimonialização por motivos outros que invisibilizam esses locais de memória como remanescentes dos abusos cometidos durante a Ditadura Militar.

Encontramos na terceira parte deste livro, intitulada “Arte e memórias políticas”, produções e reflexões de autoras e autores que buscam compreender como a arte se manteve intimamente ligada a questões de memórias coletivas,

⁷ Ventura destaca que as comunidades africanas foram consideradas pela lógica racial europeia como “ausentes de temporalidade” (p. 54). Nessa lógica, esses grupos se encontram fora do tempo, e não há alteração em sua experiência individual ou coletiva. Para a autora, a restituição histórica deve devolver a essas comunidades a lógica de tempo na medida em que essa medida carrega também a possibilidade de um projeto de justiça para o futuro.

⁸ Doutor em Antropologia Cultural pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ).

⁹ Doutor em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); professor adjunto do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônios da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Jonas João do Nascimento

permeadas por contato com o contemporâneo na medida em que também colocam o tempo em suspeição, levantando toda sorte de dúvidas quanto à sua linearidade. Neste sentido, podemos compreender o texto de Fred Coelho¹⁰, intitulado “Uma linha”, como um experimento de escrita através do qual as possibilidades de percepção do tempo linear são ampliadas, na medida em que o autor compara diferentes formas de compreensão do significado da linha em diferentes artistas.

Tatiane Shilard¹¹, em sua análise intitulada “O Eterno Encontro: um esboço de análise visual do protesto de Ailton Krenak durante a Assembleia Constituinte de 1987-88”, destaca a performance de Krenak no sentido de que ao ultrapassar a lógica eurocêntrica estabeleceu uma diferenciação proposital ao estranhamento dos não brancos. Em sua análise, Shilard mostra como Krenak, a partir de uma perspectiva de alteridade, estabelece essa diferenciação como um mecanismo político para a própria manutenção da existência. Nessa perspectiva, o autor nos faz questionar o próprio tempo eurocêntrico, historicizado dentro da prática da história disciplinar, lançando-nos a percepção de outras práticas de temporalidade.

Seguindo essa lógica, o Ensaio Visual de Gilvan Barreto¹² apresenta obras que trazem ao debate reflexões sobre memória, presenças e ausências no tempo. O autor traz suas próprias memórias no ensaio fotográfico “moscouzinho” como principal matéria-prima. Em “Postcards from Brasil: Cicatrizes da paisagem”, ele lida com as ausências a partir de montagens construídas sobre cartões postais brasileiros que abordam um Brasil das ausências na ditadura. A relação com o tempo presente se faz também na parte final de seu ensaio fotográfico, em “Cartas Náuticas”, em que registra, por meio do seu corpo e do uso de satélite, a mensagem “Mata Dores” como uma carta que tenta extravasar os sentimentos do momento histórico no qual foi produzida.

¹⁰ Doutor em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio); professor adjunto dos cursos de Licenciatura e Artes Cênicas e da Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras (PUC/Rio).

¹¹ Doutoranda em Estudos Visuais pela University of California Santa Cruz (Estado Unidos).

¹² Fotógrafo e artista visual. Diretor do documentário *Prelúdio da Fúria* (2016) e codiretor da *websérie* *Novo Mundo* (2020).

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Jonas João do Nascimento

A íntima relação entre memória e arte aparece com Viviane Borges¹³, de forma dupla, em suas investigações sobre a vivência do artista plástico Pinho, no capítulo “‘Notas sobre uma exposição de Pintura’: o pintor Pinho e os quadros do Arquivo e Núcleo Museológico da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais de Lisboa”. Borges relatou sua experiência no processo de pesquisa fazendo-nos caminhar com ela pelos trajetos de suas lembranças ao investigar as obras de Pinho, pseudônimo do artista José Joaquim de Almeida, que tem suas obras marcadas pela influência de suas memórias de infância, especialmente pela experiência traumática do artista em reformatórios. Ao abordar o tema de maneira sensível, colocando-se como participante da pesquisa em uma narrativa atraente, Borges parece querer nos levar a perceber o cotidiano de uma investigação em história, destacando, no final do texto, o processo instigante da descoberta das fontes e seus entrelaçamentos.

Encontramos na parte quatro - “Memória coletiva, revisões e políticas antirracistas” -, reflexões que permitem aprofundar os debates acerca dos usos da memória para a construção de políticas antirracistas, de reconhecimentos da cultura afro-brasileira e, conseqüentemente, em favor de sua proteção. No texto “Políticas de memória para as comunidades de terreiros de matriz africana no Brasil”, de Gabriel da Silva Vidal Cid¹⁴ e Luciane Barbosa de Souza¹⁵, nos é apresentado um panorama dos processos de tombamento dos terreiros no Brasil nos últimos anos e a conseqüente diminuição desses processos, tornando evidente a tentativa de silenciamento das memórias coletivas dos mencionados grupos sociais.

Na seqüência, o texto de Joseane de Paiva Macedo Brandão,¹⁶ “Patrimônio cultural, comunidades remanescentes de quilombos e reparação: interconexões entre direitos culturais, territoriais e ambientais” -, prossegue nos debates acerca

¹³ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

¹⁴ Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Iesp/Uerj); coordenador do grupo Arte, Cultura e Poder.

¹⁵ Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade pelo programa de Pós-graduação do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM-NI/UFRRJ).

¹⁶ Doutora em sociologia pela Universidade Federal do Sergipe (UFS); professora do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Jonas João do Nascimento

do uso dos dispositivos legais de patrimonialização para salvaguarda de direitos. A autora destaca a dificuldade nos processos de tombamento de quilombos em consonância com as leis de regulamentação das terras como espaços pertencentes a essas comunidades desde a Constituição, de modo que “gerou uma lacuna no ordenamento jurídico constitucional entre o patrimônio e o acesso à terra” (p. 253). Para Brandão, a partir de Saillant, os processos de reparação histórica são também solicitações de reconhecimento. Assim, defende a autora que a percepção da forma de trabalho com a terra das comunidades quilombolas constitui uma forma de reconhecimento da terra como parte integrante da identidade dessas comunidades.

Por fim, “Museus nacionais no século XXI: o lusotropicalismo nas construções identitárias brasileira e portuguesa” de Lília Rolim Abadia¹⁷, trata da construção do discurso de três diferentes museus nacionais em suas exposições de longa duração: o Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro; o Museu Afro-Brasil, em São Paulo, e o Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa. O lusotropicalismo¹⁸ aparece aqui como um tema que perpassa de diferentes maneiras esses três espaços. Abadia compreende o perigo do lusotropicalismo como uma forma discursiva que impede o olhar das contradições étnicas e sustenta uma perspectiva que ampara o mito da democracia racial. Neste sentido, o trabalho de Abadia, que é parte da pesquisa que ele vem desenvolvendo em sua tese de doutorado, nos faz perceber os perigos da continuidade de determinados discursos ainda presentes em exposições de longa duração, que colocam à margem debates supostamente já avançados no campo das ciências humanas.

Seja pelos temas escolhidos, relacionados a demandas sociais presentes na atualidade, seja pela forma como são complexificados os aportes teóricos e metodológicos que contribuem nos debates conceituais do uso da memória e da

¹⁷ Doutora em Teoria Crítica e Estudos Culturais pela Universidade de Nottingham; pesquisadora associada ao Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB).

¹⁸ O lusotropicalismo é compreendido pela autora como uma “produção discursiva arraigada nas concepções de identidades nacionais em ambos os países” (p. 272). Abadia acrescenta que o lusotropicalismo, sistematizado pela obra de Gilberto Freyre, afasta da história do Brasil as contradições étnicas, colocando à margem a necessidade dos debates sobre a escravidão, e suas mazelas, em detrimento de se olhar a miscigenação como instrumento harmonioso de união nacional.

Utopias de ontem e memórias do hoje: aproximações interdisciplinares entre arte, museus, patrimônios e tempo presente

Jonas João do Nascimento

história, ou ainda pela possibilidade de um olhar interdisciplinar sobre os debates patrimoniais, “Entre utopias e memórias: arte museus e patrimônios” nos permite inferir aproximações entre as preocupações atuais dos estudos do patrimônio histórico no Brasil e a área da História do Tempo Presente.

O debate no campo patrimonial tem-se mostrado essencial na medida em que os locais de memória são peças-chave nas reflexões sobre o tempo presente. Enquanto historiadores que nos propomos escrever uma História do Tempo Presente, estamos diante de outras perspectivas de análise do próprio tempo histórico, em busca por metodologias que auxiliem a responder a demandas contemporâneas. Ao estabelecer leituras e aproximações com outras áreas, colaboramos para ampliar os olhares e assimilar outras perspectivas que contribuam com essa tarefa.

Referências

HIRSCH, M. **La generación de la posmemoria**: Escritura y cultura visual después del Holocausto. Madrid: Carpe Noctem, 2015.

MYRIAN, S.S. **Memória coletiva e justiça social**. Rio de Janeiro: Garamond Ed., 2021.

MYRIAN, S.S (Org.). **Entre utopias e memórias**: arte, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Mórula. 2022.

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH
Revista Tempo e Argumento
Volume 17 - Número 44 - Ano 2025
tempoargumento.faed@udesc.br